

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



e interesse expositivos capazes de seduzir os leitores menos familiarizados com estas questões do mundo antigo.

Delfim F. Leão

Gret hlein, Joñas: *Asyl und Athen. Die Konstruktion kollektiver Identität in der griechischen Tragödie* (Stuttgart, J.B. Metzler, 2003) 492 p.

Neste denso estudo, Gret hlein analisa o problema do asilo na tragédia grega como um tema capaz de servir os objectivos de uma estratégia de identidade da *polis* democrática, combinando uma abordagem cultural com o contributo da estética da recepção e da narratologia. O Autor dispensa especial atenção às *Suppliantes Euménides* de Esquilo, ao *Edipo em Colono* de Sófocles, às *Suppliantes, Medeia, Hércules e Heracles* de Eurípides, encerrando o estudo com uma síntese relativa ao asilo enquanto motivo construtor de identidades, onde ressalta em particular a apreciação da imagem da Atenas democrática.

Delfim F. Leão

HENRY, Madeleine M.: *Prisoner of History. Aspasia of Miletus and her biographical tradition* (New York/Oxford, Oxford University Press, 1995) 202 p.

Prisoner of History é uma tentativa de reescrever uma biografia da famosa cortesã do século V a.C., Aspásia de Mileto. Como é sabido, a personagem em causa é sobretudo conhecida pela sua relação com Péricles, figura importante da política ateniense daquele período. A relação entre estas duas figuras é sintomática de um período da História grega; aliás, como salienta P. Lévêque, o processo de que Aspásia foi alvo constitui uma das duas únicas ocasiões em que se registou que Péricles chorou, tal seria o amor sincero que nutria pela sua concubina (cf. entrada «Périclès» em *Dictionnaire de la Grèce antique*, Paris, Albin Michel, 2000). Da personagem feminina, contudo, pouco se sabe, porque pouco ficou registado. E, por isso, significativo que o dicionário acima mencionado, importante trabalho de síntese recentemente publicado, no qual colaboram os mais importantes helenistas franceses, e não só, não inclua qualquer entrada com o nome de Aspásia e que esta apenas surja na entrada dedicada a Péricles.

A A. deste estudo insere-se na corrente dos *gender studies* e a sua proposta para a biografia de Aspásia obedece às metodologias e princípios orientadores dos estudos dessa corrente. Na verdade, não são muitas as informações de que

disponemos acerca de Aspásia e isso reflecte-se na quantidade de texto que no livro é dedicado à «história política», «do indivíduo» ou «factológica» (pp. 9-17).

A proposta biográfica de M. Henry ganha assim mais corpo com a exegese dos passos de onde constam essas informações. Uma das principais, e mais pertinentes, fontes para o conhecimento de Aspásia é a Comédia Antiga. Sendo este um género privilegiado para estudar a política ateniense do século V a.C. (a comédia tinha uma função sócio-política bastante importante, pois vivia da sátira e crítica do quotidiano ateniense), é também uma das únicas fontes para estudar a vida e papel histórico da concubina de Péricles. Ainda que se revele uma figura detentora de «autochthony» (p. 130), ao contrário de outras personalidades do seu tempo, homens, principalmente, Aspásia nunca foi tratada *in propria persona* (p. 19). Talvez isso se deva ao facto de ser uma mulher. Mas é de certeza um ponto a salientar num estudo que se insere nos *gender studies*. Num dos fragmentos da comédia de Cratino, *Quirones* (frgs. 258 K-A, 259 K-A), por exemplo, alude-se ao casal Péricles-Aspásia, comparando-os com o casal divino, e protagonista da sociedade olímpica, Zeus-Hera; mas o mais certo é que as personagens referidas não aparecessem no palco (pp. 20-21). Na linha de *Lisístrata* e de *As mulheres que celebram as Tesmofórias*, de Aristófanes, esta comédia de Cratino reafirmava a ideia de que a política não é uma área feminina, e a alusão a Aspásia nesse contexto permite colocar a hipótese de que aquela seria uma figura significativamente activa na vida política do seu tempo. Mas trata-se de uma hipótese conjectural sem grande espaço de afirmação taxativa. Também Eupolis, outro comediógrafo contemporâneo de Cratino e de Aristófanes, se referiu a Aspásia em alguns dos seus textos, nomeadamente em *Os Prospáltios*, onde era comparada a Helena de Tróia, sendo ambas acusadas de terem começado uma guerra; e em *Amigos*, onde Aspásia era chamada «Omphale tyrannon», numa provável alusão ao domínio que exercia sobre Péricles. Em Aristófanes, o nome de Aspásia surge apenas em *Os Acarnenses*. Mas trata-se de uma das mais importantes referências à personagem. Também em Hermipo, no diálogo *Artopolides*, existe uma alusão a esta mulher.

Além da comédia, há outras fontes que permitem o estudo da figura de Aspásia. Trata-se de textos morais e filosóficos, de Antístenes, Platão (o *Menéxeno*), Esquines e Xenofonte (*Os Memoráveis*, *O Económico*, *O Banquete*). Todas estas são analisadas com minúcia por M. Henry. Em relação a estes últimos textos, o estudo vai ao ponto de tentar identificar e de avaliar a possibilidade de a personalidade de Aspásia estar por detrás, como metáfora ou alegoria, ou fonte criativa de uma linguagem filosófica de crítica ao papel feminino na sociedade grega, e de muitos dos debates aí concretizados, por vezes protagonizados por Sócrates. Talvez Aspásia se tivesse mesmo evidenciado como «filósofa», ainda que esse conceito inexistisse no género feminino. Isso leva ao paradoxo de propor a figura onde, por definição, ela não podia existir (p. 130). A proposta é interes-

sante, todavia sujeita a crítica e a opiniões divergentes. Fica a verosimilhança da análise. Neste sentido, o estudo de M. Henry ultrapassa o tratamento político-factológico da personagem e avança para uma perspectiva cultural de influência no seu tempo, o que constitui um dos pontos mais positivos do livro, visto que não se contenta com o facto isolado em si, por vezes demasiado presente nas biografias de personalidades da História da Antiguidade.

O livro de M. Henry conclui-se com o impacte e a recepção que a personalidade de Aspásia teve na cultura ocidental. Essa recepção começou na própria Antiguidade, mais em concreto com Plutarco e na biografia que este dedicou a Péricles. Esse constitui um espaço natural para que a figura de Aspásia ressurgisse, e com reflexos de uma síntese do que na Antiguidade se pensava acerca da figura, ainda que não sejam muitas as palavras que o tratadista de Queroneia dedicou à figura. Mas redescobrimos com Henry que, antes de Plutarco, já outros intelectuais greco-romanos haviam recordado Aspásia, de pornógrafos, no seu sentido literal (os que escrevem acerca de prostitutas), a retores e tratadistas, como Cícero e Quintiliano, Máximo de Tiro e Luciano de Samósatos. Ainda no contexto antigo, Henry analisa criticamente as referências feitas à concubina de Péricles pelos autores proto-cristãos e as razões por que ela surge referenciada em alguns dos textos desse período.

É ainda no tratamento da recepção pós-antiga da figura de Aspásia, que reencontramos outro mérito deste estudo. Efectivamente, a A. inventaria e estuda todas as referências literárias e tratamentos iconográficos da personagem (esta mesma temática fora abordada no final do capítulo 4, dedicado ao tratamento de Aspásia nas fontes antigas posteriores à sua existência física, em forma de questão hipotética, discutindo com argumentos de razoabilidade as possibilidades de determinados retratos poderem ou não representar Aspásia). Nada parece ter escapado à investigação de Henry, desde a literatura, cuja análise vai das notas de Heloísa (séc. XII, tema igualmente analisado por A. González Suárez, *Aspasía (ca. 470-410 a.C.)*, Madrid, 1997), discutindo-se as hipotéticas fontes de tais notas, à *Histoire des deux Aspásiés* de Jean Leconte de Bièvre, escrita em 1736; às artes plásticas, como se vê por obras que vão das efígies constantes do *Promptuarium Inconum* de Guillaume de Rouille (1553), a *Aspasie s'entretenant avec les hommes les plus illustres d'Athènes*, pintura de 1806, de Nicolas-André Monsiau ou a *Phidias and the Frieze of the Parthenon*, de Lawrence Alma-Tadema (1868). De facto, o tema de Aspásia parece ter encontrado um campo fértil na pintura histórica do século XIX. Igual destaque merece ainda a ficção literária vitoriana, nomeadamente o romance epistolar de Walter Savage Landor, *Pericles and Aspasia*, também analisado neste estudo, e que poderá ter influenciado a representação que Alma-Tadema fez da personagem. Como conclui Henry, também a ficção literária do século XX dedicou algumas páginas a Aspásia de Mileto, mas talvez nenhuma ao nível das do século anterior. De igual modo, as artes plásticas do século XX tam-

bém não reencontraram muito espaço para a personagem. Paralelamente à inspirações de natureza artística, o trabalho analisa ainda a forma como a historiografia dos séculos XIX e XX abordou e compôs a figura de Aspásia, de que se destaca o trabalho de Wilamowitz e a forma como relegou Aspásia para as notas (*Aristoteles und Athen*, 1893).

M. Henry conseguiu transformar um tema de parca informação historiográfica válida (sensatamente, a A. afirma: «I believe we must resist the impulse, however understandable, to fill in the many blanks at the same time as we remain open to the possibilities for her life. If it is not possible to precisely know her life course, perhaps it is not désirable to try», p. 128) num estudo que ultrapassa a existência real de uma personagem histórica e avança para a investigação no domínio da recepção que essa mesma personalidade conheceu ao longo da História. A solução e proposta de Henry merece, por isso, o nosso reconhecimento, visto que, apesar de por vezes denunciar a sua afinidade por escolas historiograficamente tendenciosas como as que se reconhecem nas que se inserem nos *gender studies*, concretizou uma possibilidade de sistematização do que é hoje possível sabermos acerca de uma das poucas mulheres gregas do período clássico, de quem conhecemos o nome e a importância política no seu tempo.

O estudo de Henry completa-se com uma bibliografia bastante exaustiva, onde marcam presença obras em língua inglesa, francesa e alemã, e um útil índice temático e antroponímico.

Nuno Simões Rodrigues

Neil s, Jenifer (ed.): *Worshipping Athena. Panathenaia & Parthenon*
(Madison, The University of Wisconsin Press, 1996) 249 p.

Este volume contém o essencial de uma série de comunicações apresentadas no âmbito da exposição *Goddess and Polis: The Panathenaic Festival in Ancient Athens*, apresentada no Hood Museum of Dartmouth College, em 1992, no Tampa Museum of Art, no Virginia Museum of Fine Arts e no Art Museum of Princeton University. Os simposios que então se organizaram, sob os títulos «Athens and Beyond» e «Parthenon and Panathenaia», reuniram historiadores, filólogos e arqueólogos para discutirem o tema do culto de Atena e das festividades em sua honra. Algumas dessas comunicações foram reunidas neste volume, que inclui ainda dois textos que não pertencem ao formato original: o de H.A. Shapiro, «Democracy and Imperialism» (215-225) e o de M. Tiverios, «Shield Devices and Column-Mounted Statues on Panathenaic Amphoras» (pp. 163-174).

Os textos estão organizados em três partes. Sob o título «Myth and Cult», encontramos um estudo de E. Simon sobre a figura de Teseu e a sua relação com